

CADERNOS DE POÉTICAS

VOLUME 1

ANO 1 Bacharelado em
2021.2 Artes Cênicas da
UNESPAR





Compõem esta edição: Alessandro Balbi, André Francisconi, Angélica Bueno, Beatriz Tomilhero, Camila Sardou, Diego Monutti, Eduardo Delfino, Gabriela Marcato, Gabriel Rachwal, Júlia Herculano, Kao Maria, Lídia Oliveira, Lucas Scremin, Manuella Prestes, Nádia Georgia, Natali Manfrin e Rafaella Costa

Artistas convidadas: Ixchel Castro e Lara Couto

Coordenação editorial: Milena Flick

Colaboração: Márcio Mattana, Paola Zamariola e Sueli Araújo

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

Reitora

Prof^a Dra. Salete Machado Sirino

Vice-reitor

Prof. Dr. Edmar Bonfim de Oliveira

Pró-reitora Ensino de Graduação (PROGRAD)

Prof^a Dra. Marlete dos Anjos Silva Schaffrath

Pró-reitora de Extensão e Cultura

Prof^a Dra. Rosimeiri Darc Cardoso

Coordenador do Bacharelado em Artes Cênicas

Prof. Dr. Francisco Gaspar Neto

Consultoria: Carlos Alberto Ferreira

Revisão gramatical: Rosana Magalhães Flick

Projeto Gráfico: Eduardo Delfino

Editoração colaborativa: André Francisconi, Camila Sardou,
Eduardo Delfino, Júlia Herculano, Kao Maria, Milena Flick e Natali
Manfrin



Cadernos de Poéticas é uma revista digital vinculada ao Bacharelado de Artes Cênicas da Universidade Estadual do Paraná e lançada em 2021 como parte de um projeto de extensão do Campus Curitiba II – Faculdade de Artes do Paraná. Trata-se de uma publicação de caráter experimental, que reúne uma seleção de produções textuais, visuais e sonoras realizadas por discentes da disciplina Poéticas da Palavra, ofertada para o segundo ano do curso. A publicação conta também, com contribuições de artistas da cena e da palavra, convidadas a compartilhar seus trabalhos autorais.

© 2021, Bacharelado em Artes Cênicas da UNESPAR. Qualquer parte desta publicação poderá ser reproduzida, em qualquer meio, desde que devidamente citada. Opiniões, reflexões e conceitos emitidos em textos, imagens e áudios assinados são de responsabilidade exclusiva de suas autorias.

Cadernos de Poéticas da Palavra: volume I /Universidade Estadual do Paraná. Campus Curitiba II: Faculdade de Artes do Paraná. Bacharelado em Artes Cênicas – agosto, 2021.2. Curitiba (PR): UNESPAR/ FAP. 65p.; 1. Teatro. 2. Poéticas da Palavra. 3. Arte Cênicas.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
1. RETALHOS DOS DIAS E DEVANEIO DAS HORAS.....	12
2. SOB O TEMPO, SOBRE O TEMPO.....	14
3. O FUTURO COMEÇA NAS HISTÓRIAS QUE ME EMBALAVAM PARA DORMIR.....	17
4. VIAGEM NO TEMPO.....	19
5. AGORA.....	24
6. ASTERISCO COTIDIANO.....	26
7. ANAMNESE.....	28
8. SEM TÍTULO I.....	30
9. MISANCENE MEIA BOCA.....	31
10. BANANA.....	36
11. ARREPENDIMENTO.....	41
12. LÁ FORA AFLORA.....	43
13. SEM TÍTULO II.....	49
14. AFLUENTE.....	53
15. ESTRELA SEM NOME.....	55
16. PETRICOR.....	60
17. CHUVA.....	61

APRESENTAÇÃO

Cadernos de Poéticas é uma publicação experimental e independente que surge como desdobramento da disciplina Poéticas da Palavra, realizada junto à turma do segundo ano do Bacharelado de Artes Cênicas da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) em 2020/2021, num contexto de aulas remotas. A disciplina prática, que integra o Projeto Pedagógico do Bacharelado em Artes Cênicas da UNESPAR, se divide em 4 módulos de trabalho e propõe um estudo dos processos expressivos ligados ao uso da palavra a aos atos de fala, além das poéticas da expressão oral.

Diante das contingências de saúde que nos obrigaram a migrar as aulas presenciais para as plataformas digitais em decorrência da pandemia da COVID-19, (que ainda estamos enfrentando no Brasil e no mundo), e, em se tratando de uma disciplina prática, o conteúdo de Poéticas da Palavra foi direcionado para a experimentação dos recursos expressivos da voz e da fala em contexto multimídia. Nesse período, a disciplina foi ministrada pelas professoras Milena Flick e Sueli Araújo e pelo professor Márcio Mattana, sendo organizada da seguinte maneira:



Trabalhamos com os aspectos sonoros da fala: o jogo das intensidades, das alturas e das velocidades, o jogo do som e do silêncio, o exercício dos ritmos, a diversidade dos timbres. Partindo do referencial teórico dos Viewpoints Vocais, exploramos esses campos da oralidade em exercícios e pequenas composições.

Em outro momento, nos concentramos em aspectos relacionais dos atos de fala: a dinâmica de fala e escuta, a relação entre fala e endereçamento, a relação entre fala e estado psicofísico, a noção de atmosfera. A partir de diversos estímulos e referências, trabalhamos com composições orais, individuais e coletivas, em torno desses temas. **(Márcio Mattana)**

O módulo de poética da palavra (on line) se concentrou no reconhecimento, por partes dos alunos, dos principais elementos que constituem a emissão sonora e as implicações do corpo, em particular a respiração, o sopro e a transição do som em palavra.



Para tanto, recursos técnicos como os viewpoints de voz foram atrelados a exercícios relacionados à tomada de consciência das exigências musculares e do controle de ar como meios expressivos.

Finalizamos com a construção de um cânone com o texto “Silêncio” de Peter Hanke. **(Sueli Araújo)**



Nossas dinâmicas se direcionaram à integralidade corpo-voz na composição de imagens a partir da palavra, numa compreensão estendida de voz e fala para além da comunicação sonoro-verbal, abrangendo, também, seus aspectos sociais, políticos e culturais. Trabalhamos a palavra no ato de criação a partir de uma relação entre atos de fala e performatividade, no teatro, em performances vocais e em novas mídias.

Para as experimentações práticas, a turma se dividiu em quatro grupos de interesse: poesia, musicalidade, dramaturgia e corpo, nos quais realizaram uma série de experimentações em torno da palavra, explorando as mídias digitais e investigando estratégias de composição com suas criações autorais. **(Milena Flick)**

Os trabalhos que vocês poderão conferir no primeiro volume dos Cadernos de Poéticas foram produzidos durante esse processo de ensino-aprendizagem e surgiram de um desejo por compartilhar as experiências e investigações da turma com a comunidade artística, alimentando uma rede de trocas. Nosso trabalho tem como público-alvo, pessoas interessadas em processos de criação, que tomam a palavra como princípio ativo, força motora e mobilizadora de suas criações!

Esta publicação digital integra o projeto de extensão Cadernos de Poéticas da Palavra – volume I, vinculado ao Bacharelado de Artes Cênicas da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), e reúne uma seleção dos trabalhos realizados pela turma no contexto da disciplina, além de dois textos convidados a colaborar com a edição: a poesia “Anamnese” de Lara Couto: atriz, poetisa, professora e diretora teatral, autora do livro “História versada de uma breve vida” e solista no espetáculo de mesmo nome; e o texto “Retalhos dos dias e Devaneio das horas” da criadora cênica, produtora, pesquisadora e professora de teatro Ixchel Castro.

Assim, o Cadernos de Poéticas se propõe como um espaço experimental para que discentes do Bacharelado em Artes Cênicas tenham a oportunidade de compartilhar seus textos autorais de forma digital, interativa e livre dos padrões tradicionais de publicação científica, de maneira a explorar, poética e graficamente, as potencialidades da palavra quando vinculada a processos de criação no campo das artes cênicas.

Nossa revista é composta de textos grafados, imagens e materiais sonoros. Para cada trabalho desta edição, temos um ou mais áudios correspondentes, que ficam disponíveis através de um link para acesso na borda inferior da página, indicada pela inscrição em caixa alta CLIQUE E OUÇA. Este pdf permite a realização de leitura em voz alta, ela pode ser ativada acessando a revista com seu programa de preferência. Com a leitura em voz alta é possível acompanhar a descrição das composições visuais de cada trabalho, disponível junto às suas informações adicionais.

Antes de iniciar a visita, gostaríamos de te convidar a realizar uma experiência imersiva e, para isso, recomendamos que feche as outras abas do seu navegador – desligando, também, as notificações –, se desconecte um pouquinho das redes sociais e dos aplicativos de jogos, deixe o celular no modo silencioso durante a experiência, coloque fones de ouvido e acompanhe os áudios enquanto percorre as imagens do trabalho correspondente.

Se possível, depois da visita, nos conte como foi a experiência! Gostaríamos muito de ouvir seu depoimento, críticas e/ou sugestões. Você pode nos encontrar no @cadernosdepoéticas, perfil oficial de nosso projeto de extensão no Instagram, ou pelo e-mail: cadernopoeticas.fap@gmail.com.

Sejam todos muito bem-vindos ao nosso espaço! Fiquem à vontade para atravessar as experiências que propomos nos trabalhos, aqui reunidos, na ordem que desejarem: não existe uma única lógica de acesso aos materiais nem um único sentido para percorrer. Sintam-se convidadas a seguir construindo conosco esse espaço, que estará, permanentemente, de portas e janelas abertas para contribuições, papos, partilhas e palavras. Adoramos visitas e esperamos que desfrutem ao máximo da travessia!

Com carinho,

Equipe de editoração.



Uma voz. -

Eu sou essa mulher,
Aquele que abraça com a força
do mar e do fogo
Eu sou essa criança,
Aquele que sorri quando mamãe
chega em casa
Eu sou essa anciã,
Aquele velha amiga da morte
Eu sou essa mulher,
Uma metamorfose ambulante à
procura de viver

Eu sou quem eu sou
Filha de Maria Irene
Neta de Maria e de Irene
Engraçada, né?
Engraçada a nula existência da
casualidade

Água, bendita água que me leva,
bendita água que me lava... Mãe
sagrada. Presente em todas as
horas e todos os tempos.

Do que é feito o tempo?
Qual é a cor do tempo?... Tem
textura? Tem cheiro?
Talvez o tempo seja só uma forma
de tentar capturar a vida

O tempo tem dono?...
Acho que não.
Mas o tempo tem memória. E essa
memória é o que faz tudo mais
complexo no meio da sua
simplicidade

É isso o que eu queria dizer.

IMAGEM 1- Uma página de fundo azul-claro com leves veias brancas percorrendo o espaço, como uma piscina. Alguns riscos mais grossos e de um azul mais escuro aparecem na imagem conectando imagens e textos, como se fossem ondas. Na ponta superior esquerda da página, vemos partes de relógios e bússolas antigas e a sombra do que parece ser um galho de árvore sobreposta entre eles. Os objetos não possuem ponteiros. A frase "Uma voz." está escrita de forma sinuosa nesse canto da página, acompanhando o risco azul mais escuro que conecta a imagem dos objetos ao início do poema. Na ponta inferior esquerda, a frase "É isso que eu queria dizer", que encerra o poema, também se inscreve junto a um risco azul-marinho, como se surfasse nele. Nesse mesmo canto, um pouco abaixo da onda, encontra-se a indicação de texto em caixa alta "CLIQUE E OUÇA" com o link para ouvir o trabalho completo.



se aproxime

A
mulher - 24 de junho, 21 de
setembro, 3 de fevereiro, 17 de abril, 4 de
outubro, 31 de março, 17 de setembro, 10 de dezembro,
3 de abril. Quem pensou nas datas do calendário?
Como foi que um número se transformou num jeito que te
permite lembrar?

Mesmo morando em lugares completamente diferentes, eu sempre acordo
como a luz do sol que entra pela janela e depois tomo um banho de água fria
para acordar. Um dia a mais é um dia a menos; em outros contextos, um dia
menos é um dia a mais.

Me lembro do meu pai cuidando do pai dele, lembro de mim cuidando da minha
mãe, lembro da minha vó cuidando de mim. Quantas vezes você precisou forçar o
sorriso? Quantas vezes você caiu aos prantos no meio da rua mesmo sem querer?
Aprender as atividades do dia seguinte, comprar comida para o gato, entregar o formulá-
rio, fazer luco, molhar as plantas... Ter tempo para deitar na grama e não pensar? Colocar
o alarme, escrever o artigo, carregar o celular. Esquecer o aniversário do meu melhor
amigo. Dormir e verdadeiramente descansar.

Tenho a sensação de que habito na cor branca desenhada entre a espera e a minha
memória, como se a cada passo eu gesticulo com versos e riscos este chão, estas
paredes, o teto, as portas de metal.

Nestes dias aprendi a caçar. Recolho o trabalho de pensamentos emanados por
cada umas das pessoas que transitam à espera de sinais que modifiquem o
ambiente. E nisso que invisto o meu tempo, em imaginar.

Astronautas azuis giram diferentes nomes. Alguns deles tem cérebro,
mas não tem coração, outros conservam o fígado, mas ficaram sem
aísta. Entrar não está permitido. Me falam que é preciso
esperar. Odeio esperar.
Hoje vou passar a noite aqui.
Quero água, preciso respirar.

Retalhos dos dias e Devaneio das horas de Ixchel Castro

O primeiro texto é sobre aquilo que está se mexendo dentro de mim aqui e agora (julho de 2021). O segundo, é um fragmento do texto de uma cena maior que daqui a uns meses vai se traduzir em corpo e imagem, mas que foi escrita durante uma das noites previas à passagem do meu avô.

Claramente a partida dele é a faísca que ascendeu a fogueira.

Nenhum desses textos está fechado às diversas interpretações subjetivas que possam acontecer na mente de vocês, pois o objetivo é permitir o fluxo antes de impor uma cena ou uma forma específica. Eu tenho a cena na minha cabeça, mais as possibilidades de transformação são múltiplas.

Projeto gráfico: Eduardo Delfino e Kaoana Maria

Sobre a artista convidada: Ixchel Castro é uma criadora cênica mexicana que pesquisa, atua, dirige, escreve e produz, além de trabalhar como professora de teatro. **Contato:** castro.ixchel@gmail.com @ixchel.caf (instagram)

CLIQUE E OUÇA



IMAGEM 2- Uma folha em branco. No topo da página, a seguinte indicação: "se aproxime". Centralizado na página branca, encontra-se o texto do trabalho em formato redondo, como um globo, e escrito com letras muito pequenas.

T M O
E P



T
E
M
P
O

CLIQUE E OUÇA







Sob o tempo, sobre o tempo

de Diego Monutti

Uma carta, um desabafo, uma reflexão, uma conversa, que fala sobre o tempo, que atravessa ele e que é atravessada por ele.

*Na composição visual do trabalho, nas colagens e edições foram utilizadas imagens coletadas na internet e também realizado um jogo de palavras com um trecho da música "Eu tô Bem" de composição de Luiz Lins, Mazili e Moisés Soares.

Contato: @diegomonutti (instagram)

Imagem 3: Mar escuro, tempo nublado, parece anoitecer. Vemos escadas saindo do mar em direção ao céu. No topo da página, parte de uma folha de papel pardo meio amassado onde se lê a palavra TEMPO em letras maiúsculas e sombreadas. Por trás dessa página, descem as duas cordas de um balanço onde um relógio antigo marcando 10:08 parece se balançar. Atravessando o canto direito inferior da página, a palavra TEMPO aparece novamente, quase mergulhando no mar, dessa vez, as letras da palavra estão em sentido contrário. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta "CLIQUE E OUÇA" com o link para ouvir o trabalho completo.

Imagem 4: Fundo escuro, nublado, entretanto mais claro numa faixa central que vai do topo ao fim da página. Dessa faixa mais clara, cai um relógio antigo em formato de pêndulo, amarrado por uma corda. Entre a extensão inicial da corda e a máquina redonda do relógio está um quadro de moldura preta, onde se vê a foto de uma janela embaçada pela chuva e com vista para outros prédios e edifícios.

Imagem 5: Numa mesa de madeira escura, vemos um relógio antigo com numeração romana: ela está de cabeça para baixo, marcando XII. O vidro do relógio foi estilhaçado e vemos seus pequenos pedaços sendo arremessados e flutuando no ar, como se a imagem retratasse o momento exato em que o vidro foi partido. No canto inferior da imagem se encontra parte de uma folha de papel pardo meio amassado, onde se lê "Mais velho para o passar do tempo Mas demais pro passado".

CADERNOS DE POÉTICAS



CLIQUE E OUÇA



O futuro começa nas histórias que me embalavam para dormir de Camila Sardou

Entre os passos de dança pela cozinha e o colo que não encontrei igual: tinham as narrativas que me embalavam para dormir. Esse trabalho conta uma dessas histórias, história que não lembro o fim, mas que ainda me acalanta nas noites de incertezas.

*Ref.: Música “Carinhoso” de Pexinguinha.

Contato: camilabarrososabatke@hotmail.com ou
sardoucamila@gmail.com

Imagem 6.. Um desenho em lápis de cor e giz de cera ocupa o centro da imagem sendo emoldurada por um papel azul de tamanho maior. No desenho vemos uma moça de cabelos presos, vestido rosa de bolinhas e sapatilha azul, sentada, olhando para uma moldura oval com um buquê de flores e uma assinatura. Existem flores no chão à sua frente. Uma xícara verde com um líquido laranja repousa num piris com uma colher, os objetos, que possuem um tamanho desproporcional, flutuam na cena. Uma roseira de rosas vermelhas cresce no canto inferior direito do desenho, subindo pela página. Ao redor do desenho vemos outras imagens: uma foto de duas mulheres, uma idosa e mulher madura segurando um bebê; um ingresso de cinema; a foto de uma senhora branca com cabelos ondulados de um loiro escuro; um crachá com a foto de perfil de uma senhora onde se lê “Nilcea Barroso”; uma foto de uma senhora beijando no rosto uma menina de chupeta. Pequenas conchas estão dispostas ao redor do desenho e sobre as demais imagens. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta “CLIQUE E OUÇA” com o link para ouvir o trabalho completo.

2025

em contraponto da última vez, hoje tá um dia bem quente, tanto que meu pé que tá sempre gelado sofreu porque andei naquele asfalto gigantesco, que parece que tá cada vez maior! Eu passei comprar um café gelado naquelas franquias que abriram aqui perto. Eu tava vindo pro teatro e eu senti falta de respirar o ar fresco de novo, de uma sombra! Eu sei que temos as árvores portáteis mas não é nada comparado... Eu sinto falta disso! Eu tenho montagem é bastante coisa pra arrumar, tenho refletor pra subir e descer o tempo todo, eu trouxe até uma camiseta extra porque eu sei que vou suar. Mas cê sabe que, não importa quão quente esteja, o calor da luz me faz feliz!

2031

Minha casa, minhas coisas, meu ritmo... um pouco mais acelerado do que eu gostaria. Acelero entre carros, entre pessoas, entre arte, entre caminhos. Caminho entre vidas. Independente, mas sempre com aquela vontade de um colo de mãe ou avó, vontade de um carinho único vindo delas. Meus pés pisam descalços no piso gelado da minha cozinha enquanto eu me preparo para amamentar meu filho, não existe julgamento. Dou colo para ele. Mãos calejadas e levemente feridas, seja por eu ter ficado a tarde toda construindo um móvel para minha casa, ou seja por eu ter tantas e tantas encomendas de cenários variados e necessidades variadas.

2050

Acordo assustada, o cachorro latiu no meio da madrugada e me fez lembrar que estava dormindo sozinha já que meu marido estava trabalhando. Pergunto à Alexa 10 que horas são, 4h53. Enquanto o sol sobe pela linha janela, percebo que está na hora de levantar, olho pela cortina e já está tudo em tons de azul, verde e amarelo. Coloco minha máscara de oxigênio e desço as escadas correndo pra fazer minha atividade preferida do dia, colocar os pés descalços pra fora de casa, na grama artificial que é o mais perto que se tem dos recursos naturais que tínhamos até 2030.

2520

Hoje, como de costume, segui pelo trilho do trem voador, meu cabelo relativamente curto, suficiente pra balançar, mas sem esquentar a nuca. O trilho, estava apenas me direcionando, eu não pego mais carona... Hoje pela manhã comi algumas nuvens, que apesar de deixarem meus pés frios, me fizeram flutuar. E essa é uma palavra mais que justa, já que flutuei tanto com meu corpo físico, quanto com o astral. Que felicidade em respirar esse ar fresco e em sentir pessoas ao lado, a frente, a trás, pessoas que dividem a existencia. Pessoas que acariciam os cabelos -nem curtos, nem longos- umas das outras.

3769

Eu não sei para quem estou gravando isso, mas, Oi! Vivo em um barco, esquecido no tempo-espaço; navego sozinha em caminho à solidão, vez ou outra pousa uma gaivota para me fazer companhia. As vezes penso que toda a humanidade acabou e restou apenas eu, isso não me deixa triste. O cheiro do mar está mais salgado do que na semana passada e as cartas náuticas já não levam para rumo algum; uma tempestade se aproxima, eu sei porque meus pés estão gelados desde que acordei e sei também que em breve darei meus últimos suspiros de uma coletânea que sempre evitou pontos finais. Então acredito que isso seja um adeus.

**Escolha seu caminho
e faça uma ótima
viagem!**

CLIQUE E OUÇA





Viagem no Tempo

de Camila Sardou, Eduardo Delfino, Júlia Herculano, Kao Maria e Lídia Oliveira

2025. 2031. 2050. 2520. 3769. Como você vê o futuro? Como você se vê no futuro? Quem está no futuro? Em meio à pandemia, um grupo de estudantes resolveu se aventurar através do imaginário, e embarcar em uma grande aventura. Cada um viajou no tempo, e foi para um determinado ano. A obra é resultado das experiências de cada um, articulando sentimentos individuais e coletivos.

Contatos: @kao_maria, @dudelfino, @juju.herculano, @camilasardou, @oililica (Instagram)

Imagem 7. O texto está disposto em 5 colunas, escrito em preto num fundo branco. Cada coluna se inicia com a indicação de um ano: 2025, 2031, 2050, 2520 e 3769.

Imagem 8: Imagem de uma espiral que toma toda a página. No centro dela se lê, em tamanho grande: "Escolha seu caminho e faça uma ótima viagem!" No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta "CLIQUE E OUÇA" com o link para ouvir o trabalho completo.

Imagem 9 No fundo de tom esverdeado, destaca-se a sombra de um arco. Sobreposta à imagem, de forma circular nos cantos da página, vemos, em 3d, alguns dedos segurando pequenos desenhos de objetos. Em sentido horário vemos: um trem, um barco, uma bicicleta, um foguete, um carro. No centro da imagem, a sombra de uma fechadura e o desenho em 3d de uma chave antiga.

Imagem 10: No centro da página, a mesma sombra da fechadura, agora maior. Ao fundo, uma espiral preta e branca. Em torno da fechadura, de forma circular, peças de um quebra-cabeças dentro das quais podemos ler o texto apresentado em colunas na primeira imagem dessa composição.



AGORA

CLIQUE E OUÇA



AGORA

de Beatriz Tomilhero

pela janela agora num lampejo vejo um relógio de pêndulo gigante no apartamento do outro quarteirão e o pêndulo cada vez que vai da esquerda pra direita me deixa saber que acha engraçado eu ainda estar aqui sem dormir enquanto todos os outros estão acordando e penso em mandá-lo à merda mas depois penso de que adianta se quem cria o escárnio sou eu e o que ele faz é só funcionar enquanto a bateria dura *O trabalho é composto pela sobreposição em áudio de três textos diferentes. Um deles foi desenvolvido como uma releitura de "Poética", de Vinicius de Moraes.

Na composição visual, imagens coletadas na internet: um recorte de "A Persistência da Memória", de Salvador Dalí.

Contato: @biatrutz (instagram)

Imagem 11: Ao fundo, um recorte do quadro "A Persistência da Memória", de Salvador Dalí: uma mesa na qual vemos dois régios: um deles repousado, intacto, mas cheio de formigas, e outro, que marca 5 minutos para sete, derretendo-se em direção ao chão (em cima dele, uma grande mosca pousada). No centro da imagem lemos, em letras vermelhas e garrafais, a palavra AGORA sobreposta ao quadro. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta "CLIQUE E OUÇA" com o link para ouvir o trabalho completo.

Asterisco cotidiano

de Gabriel Rachwal

Este texto é como a palavra “motos” que vejo escrita no pedaço de asfalto que vejo da janela da despensa, onde costumo escrever * Palavra pela qual dá para passar por cima, pisotear, ignorar, sujar, rabiscar * Atentado imperceptível ao pudor público * São vagas (ondas) onde estacionar * Porque cada ponto da reta é um *

Contato: gdoriarachwal@gmail.com

[@ugafuraa](#) (instagram)

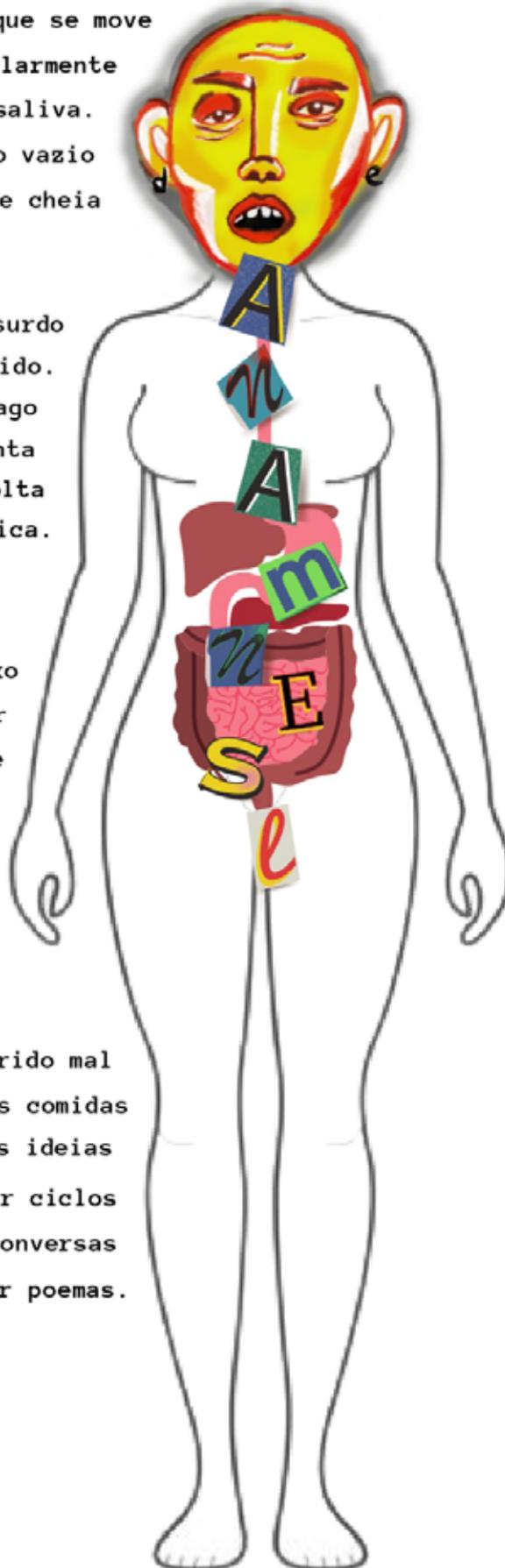
Imagem 12.: Desenhos de diferentes tamanhos, feitos com caneta preta, povoam uma página branca: um cachorro, um pé, um caixão, um corpo, garfo e faca, uma boca aberta com dentes à mostra, um machado, um ônibus, uma bicicleta, um olho, uma borboleta, um pênis, um casal transando, uma aranha, carros de diferentes tamanhos, pessoas, uma árvore, vassoura e pá, um computador, um spray, um par de chinelos, um enforcado, um controle remoto, uma orelha, uma pia, um nariz, um revólver, um livro aberto etc. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta “CLIQUE E OUÇA” com o link para ouvir o trabalho completo.

Da minha boca posso falar que tem muitos dentes
E um céu inteiro que se move
Uma língua raspada regularmente
E uma baba rala que educadamente chamo de saliva.
Uma boca que guarda especialmente o vazio
E de vazio está quase sempre cheia

Que minha boca tem um hálito vazio, oco, surdo
E por isso fétido.
Que sai de minhas entranhas, passa pelo esôfago
Chega na garganta
Às vezes volta
Às vezes fica.

Posso dizer que tenho refluxo
Me engasgo em silêncios ao dormir
Vomito um pouco diariamente
Quando durmo
Quando me limpo
Quando me forço

Tenho também digerido mal
Algumas comidas
Algumas ideias
Certa dificuldade de fechar ciclos
Encerrar conversas
Finalizar poemas.



CLIQUE E OUÇA



Anamnese

poesia de Lara Couto

Projeto gráfico: Júlia Herculano e Natali Manfrin

Sobre a artista convidada: Lara Couto é atriz, pesquisadora, poetisa, professora e diretora teatral, autora do livro “História versada de uma breve vida” e solista no espetáculo de mesmo nome.

Contato: laracoutolc@gmail.com / [@larabcouto](https://www.instagram.com/larabcouto) (instagram)

Imagem 13: Fundo branco. A poesia está escrita em letras pretas e justificada à esquerda da página. À direita, os traços de um corpo feminino nu, seu rosto é desproporcional e trata-se de uma imagem colorida em sobreposição: a boca aberta com dentes à mostra, pele de cor amarelada com bordas marrom e sombreado laranja e branco; cabelo raspado e brincos pretos nas orelhas; um rosto andrógino. Descendo de sua garganta, vemos o título da poesia “Anamnese” como em letras de recorte de revista. Ao fundo, alguns de seus órgãos internos em destaque colorido. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta “CLIQUE E OUÇA” com o link para ouvir o trabalho completo.



Sem Título I

de André Francisconi

Uma experiência textual e sonora conduzida pela escrita em fluxo. Na escuta, tensiona as diferentes possibilidades de equalização. No texto, articula as possibilidades da palavra de fazer ou não sentido. Na imagem, uma criança.

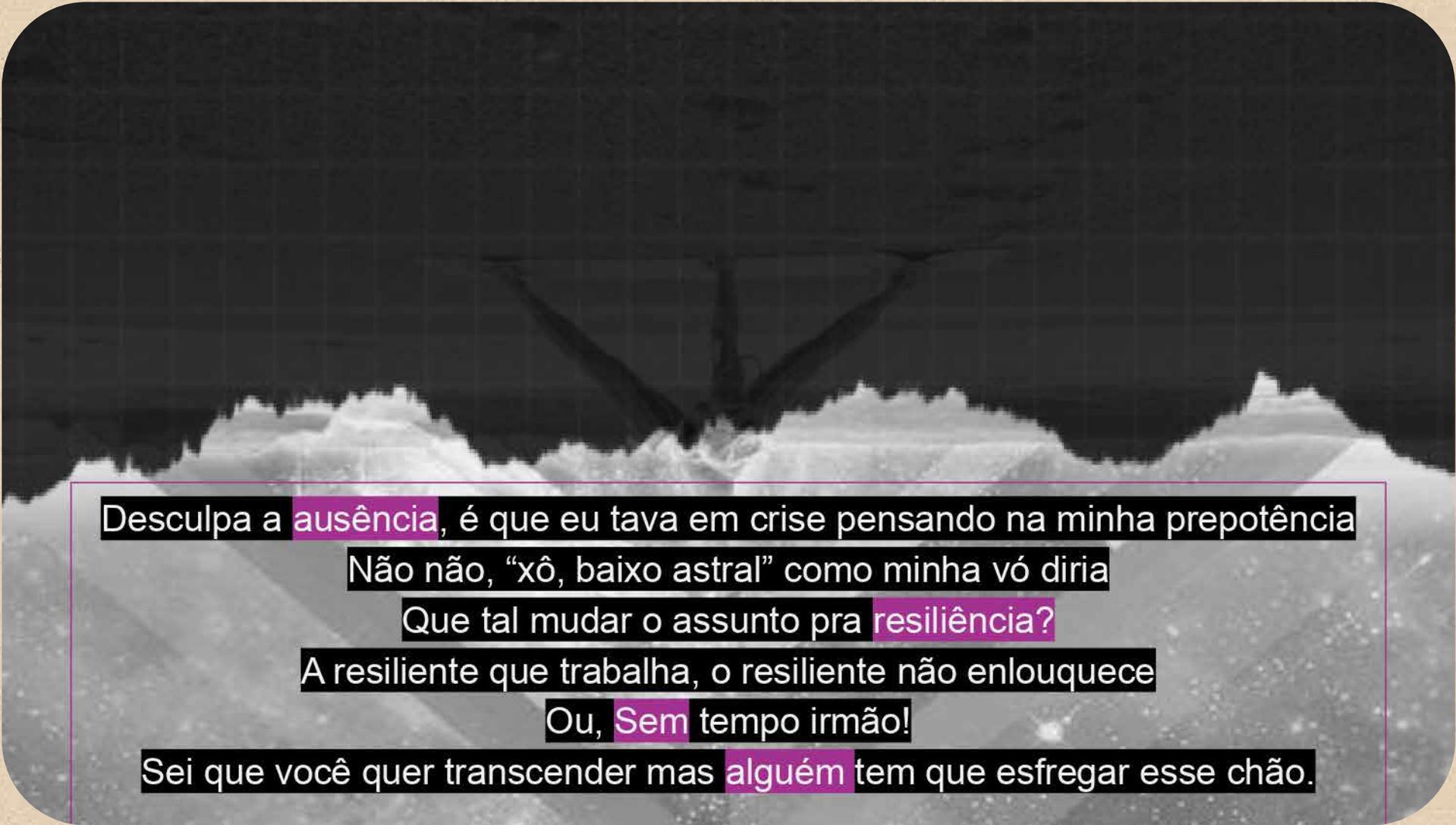
3/4. Imagens, texto, sons e música de autoria própria.

Contato: andregustavof99@gmail.com
[@gusteps](#) (instagram)

Imagem 14.: Uma imagem em fundo azul. Composição de um mesmo rosto de criança, sendo repetido diversas vezes. Reconhecemos, também, o perfil de uma criança apontando com o dedo para baixo, mas não podemos distinguir os traços do rosto: a imagem do corpo está trabalhada em tons fortes de vermelho e preto, e na roupa, rosa. Sombras e duplos dessas imagens povoam a composição. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta "CLIQUE E OUÇA" com o link para ouvir o trabalho completo.

CLIQUE E OUÇA





Desculpa a **ausência**, é que eu tava em crise pensando na minha prepotência
Não não, “xô, baixo astral” como minha vó diria
Que tal mudar o assunto pra **resiliência**?
A resiliente que trabalha, o resiliente não enlouquece
Ou, **Sem** tempo irmão!
Sei que você quer transcender mas **alguém** tem que esfregar esse chão.

CLIQUE E OUÇA



Vai lá fazer aquele contato com o herdeiro

Cuidado!

Cuidado que o chefe tá ali olhando

Cuidado com essa roupa aí que cê tá usando

Cuidado com esse ser que você tá sendo

Cui da do!

Vai lá mostrar sua eficiência, cê não queria respeito?

É que a competência baixa que te

deram é fruto do mais valia

Cuidado tem que tomar é com o

efeito

ECO**L**ALIA

Sociedade escrota que não me cabe, não te cabe, não cabemos
Será que eu que tô errada de não me encaixar no fingimento?

Não tenho talento porra!

Não tenho talento pra misancene meia boca, fajuta, podre,
esculachado mesmo...

Sinceramente, prefiro me juntar aos outros desajustados

Marchar com aquele vagabundo revolucionário

Foda-se esse eco

Sejamos transcendidos num mundo antiquado.

Misancene Meia Boca

de Rafaella Costa

Rimas inconformadas de uma pessoa inconformada. Talvez seja uma inconformação muito juvenil, certamente soa como uma, mas espero que seja eterna enquanto necessária. É sobre nossas estruturas sociais, frustração, e perseverança.

*Na composição visual, as colagens foram feitas com imagens coletadas na internet.

Contato: @rafacostaxx (instagram)

Imagem 15: Imagem dividida em dois fundos: um mais escuro onde se vê parte de uma foto virada de ponta cabeça (essa foto deixa entrever a areia de uma praia com pegadas na areia, duas pernas abertas e o corpo de uma pessoa em pé ao fundo, antes de chegar ao mar); no outro, uma folha de papel em branco rasgada nas pontas. Sobreposto ao papel, parte do texto do trabalho está escrito em branco com destaque em preto. As palavras "Ausência", "Resiliência", "Sem" e "Alguém" estão destacadas em lilás. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta "CLIQUE E OUÇA" com o link para ouvir o trabalho completo.

Imagem 16: Texto escrito na cor branca, com destaque preto. A palavra "Cuidado" aparece duas vezes com destaque lilás. No fundo do texto, o céu estrelado em tons de preto e cinza e elementos gráficos como triângulos e círculos que lembram a lua cheia.

Imagem 17: Ao fundo da imagem, uma folha de jornal rasgada e uma imagem da via láctea em tons de azul, rosa, branco e lilás, que parece ter sido rasgada de uma revista. No canto esquerdo, o rosto de uma mulher de olhos fechados e boca bem aberta diante da qual vemos a palavra destacada em letras garrafais "ECOLALIA".

Imagem 18: Texto escrito na cor branca, com destaque preto. As frases e palavras "que não me cabe", "não cabemos", "fingimento?", "misancene", "sinceramente", "eco" e "transcendidos" estão escritas em destaque de cor lilás. Ao fundo, a imagem de uma mulher branca costurando em uma máquina de costura, de seu rosto vemos apenas o nariz e a boca com um meio sorriso, e na sua mão esquerda nota-se uma aliança. A imagem parece ter sido rasgada ao meio.

B

A

N

A

N

A

CLIQUE E OUÇA



B A N A N A

- INGREDIENTES:

Como comer uma banana em uma sala cheia de homens?

Como deixar a banana o mais nutritiva possível?

NÓS

TEMOS

B

A

N

A

N

A

SI!

Mas, pra eles, as mais bonitas. E pra nós, o que sobra?

B

A

?

?

A

N

- MODO DE PREPARO:

Renda-se à fruta, lambuze-se do fruto-falo, descasque esta casca verde-amarela bonita pra seduzir, amasse e veja lá no miolinho a semente-bala.

Tudo isso bem assim no pé do ouvido, bem S U S U R R A D I N H O. Porque afinal de contas, é assim que a gente se funde: mastigando, salivando, misturando, degustando.

A banana na sua boca.

A banana na tua língua.

A banana no seu corpo.

A banana no teu país.

A banana no mundo.

Misture tudo num balaio e mexa, mexa bem. E depois coma, por onde quiser.]

B

A

A

N

N

A

BANANA

de Angélica Bueno, Beatriz Tomilhero, Gabriela Marcato e Manuella Prestes.

Temos delas, de vários tipos e pra todos os gostos, mas sempre gostosíssimas. Tem gente que come até antes de amadurecer. Às vezes por fora parece até bem-feita, mas por dentro da casca o buraco é sempre mais embaixo. Mas até que dá pra saborear. Assim meio frita, ou meio picotada, ou espancada, amassada, fuzilada, meio desaparecida. Sempre dá. E é só tentando comer uma em uma sala cheia de homens que a gente descobre o que é que ela tem.

Trecho adaptado de "O Vendedor de Bananas", de Jorge Ben Jor

Fragmento de "O Vira", de Luhli e João Ricardo

Fragmento de "Sangue Latino", de João Ricardo e Paulinho Mendonça.

Contato: @biatrutz @manuellaprestes_ @_angellbueno
@gabi.marcato (Instagram)

Imagem 19: A palavra BANANA está escrita em caixa alta e ocupa boa parte da página branca, ela se dispõe de forma a lembrar o formato da fruta: apenas o B está escrito em preto, as demais letras estão em amarelo. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta "CLIQUE E OUÇA" com o link para ouvir o trabalho completo.

Imagem 20: A palavra "banana" se repete várias vezes ao longo da página fazendo referência a cachos de banana. As repetições se dividem em três sequências: primeira e última sequências estão em escritas com o B na cor preta e o restante da palavra em amarelo, a segunda sequência, centralizada na página, está em preto.

Imagem 21: A imagem apresenta o seguinte texto: "BANANA - INGREDIENTES: Como comer uma banana em uma sala cheia de homens? Como deixar a banana o mais nutritiva possível? NÓS TEMOS BANANA S! Mas, pra eles, as mais bonitas. E pra nós, o que sobra? BA? AN?". Observação: a primeira palavra "banana" está escrita em caixa alta com o B na cor preta e o restante da palavra em amarelo. Sempre que a palavra "banana" aparece no texto, ela é trabalhada num formato diferente, de forma a evocar o formato da fruta.

Imagem 22: A imagem apresenta o seguinte texto: "MODO DE PREPARO: Renda-se à fruta, lambuze-se do fruto-falo, descasque esta casca verde-amarela bonita pra seduzir, amasse e veja lá no miolinho a semente-bala. Tudo isso bem assim ao pé do ouvido, bem S U S S U R R A D I N H O. Porque afinal de contas, é assim que a gente se funde: mastigando, salivando, misturando, degustando. A banana na sua boca. A banana na tua língua. A banana no seu corpo. A banana no teu país. A banana no mundo. Misture tudo num balaio e mexa, mexa bem. E depois coma, por onde quiser.] BANANA". Observação: a palavra "banana" que aparece no final do texto é trabalhada de forma a evocar o formato da fruta.

ARREPENDIMENTO

de Júlia Herculano

Partindo de uma página antiga de um diário. Em meio a devaneios de alguns anos atrás, em um período de caos, me perco no meu próprio caos.. na minha própria insegurança... na minha própria ansiedade. Eu me atormento, eu me arrependo, eu sofro, eu rio, eu enlouqueço e alimento as vozes em minha cabeça. Eu me arrependo de me torturar.

Contato: @juju.herculano (instagram)

Imagem 23: Uma página em branco rabiscada com lápis de cor ao fundo: laranja, verde, vermelho, roxo... São linhas que atravessam a página de forma sinuosa, vezes em espirais, vezes como serpentes. Várias carinhas com diferentes expressões são desenhadas na página: alegre, triste, assustada etc. Frases do texto do trabalho estão escritas na horizontal e, em tamanho maior, caixa alta e na vertical, lemos a palavra ARREPENDIMENTO. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta "CLIQUE E OUÇA" com o link para ouvir o trabalho completo.

NÁDIA SANTANA
Lá fora aflora

Unespar - FAP II
2º ano BAC
Prof.ª Milena Flick

poéticas da palavra

CLIQUE E OUÇA



Estou aqui

tô aqui

à toa aqui

tô aqui

toque

toque

toc

toc

toc

Lá fora tem barulho

tem gente

mais sabor
saber

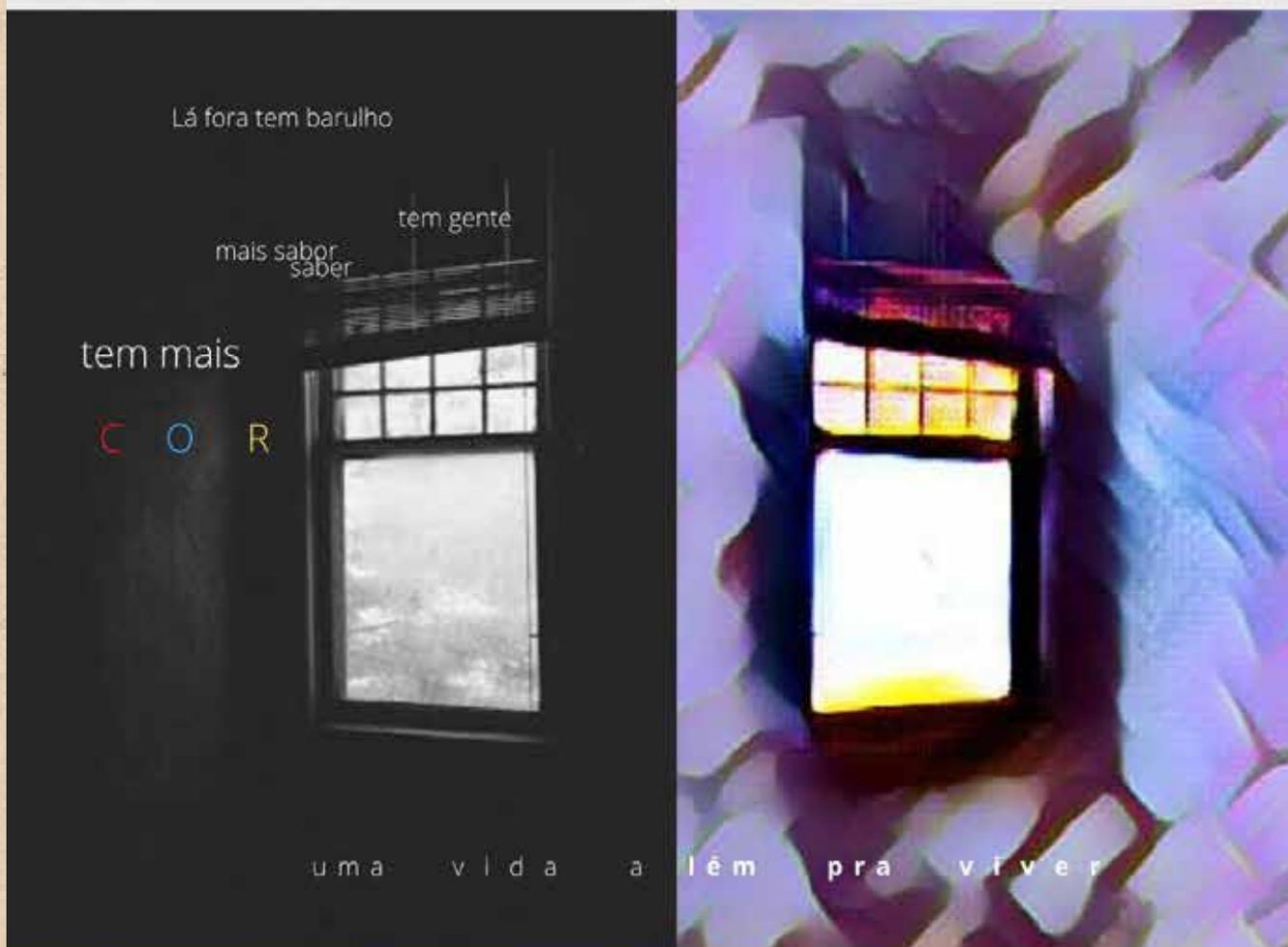
tem mais

C O R

u m a v i d a a



l é m p r a v i v e r



LÁ FORA AFLORA

Lá fora aflora

de Nádia Georgia

O texto (sem título) era de autoria de uma amiga próxima, Raquel Guedes. Ao trabalhar esse texto em poéticas da palavra, enxuguei, mastiguei, sintetizei, transformei e assim nasceu: lá fora aflora. Ao permanecer apenas na primeira frase do texto: "Estou aqui" repetindo-a diversas e diversas vezes, outras significações, ritmos surgiram... no tô aqui, a toa aqui, toque, toc... toc toc. Descobri a riqueza da repetição.

*Na composição visual, a imagem da janela foi coletada da internet.

Contato: @georgiasantana (instagram)

Imagem 24: A imagem tem ao fundo uma janela aberta por onde entra muita luz. Está trabalhada em textura de vitral nas cores azul, amarelo, verde, laranja, branco e vermelho. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta "CLIQUE E OUÇA" com o link para ouvir o trabalho completo.

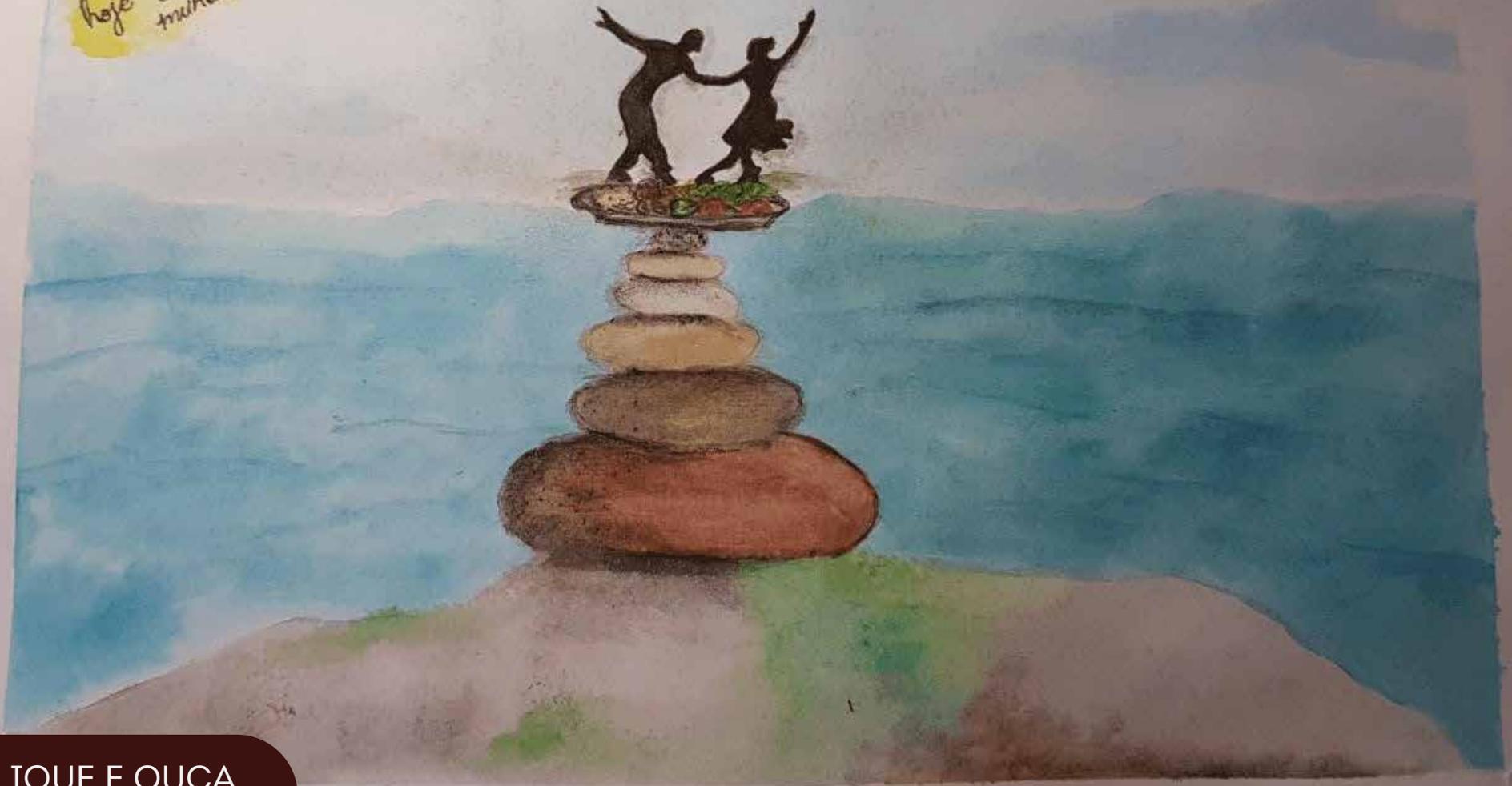
Imagem 25: Em caixa alta, letras garrafais pretas, o texto a seguir está escrito como se caísse da lateral superior esquerda da página, para o canto inferior direito: "Estou aqui tô aqui à toa aqui tô aqui toque toque toc toc toc".

Imagem 26: Um fundo escuro no qual vemos uma grande janela aberta. O texto a seguir aparece em branco como se caísse do teto, exceto a palavra cor, pois o C está em vermelho, o O em azul e o R em amarelo: "Lá fora tem barulho tem gente tem mais COR". Na lateral inferior direita da página lê-se: "uma vida a".

Imagem 27: Outra imagem de janela aberta, dessa vez com sombras amarelas. Ao redor da janela vemos sua sombra e a parede tem uma textura de papel amassado. As cores são sombreadas em azul, vermelho, roxo, rosa, vinho e branco. No canto inferior esquerdo lê-se: "lém pra viver".

Imagem 28: Uma junção das duas imagens anteriores. Agora podemos ler na parte inferior da página a frase completa: "uma vida além pra viver". Logo abaixo da imagem, em caixa alta, lemos o título do trabalho: LÁ FORA AFLORA.

Rodei o globo, e
hoje tô certa de que todo
mundo é um



CLIQUE E OUÇA



→ **EMICIDA**
o amor, respira um instante,
respira o vento, ouia o sol

Transcender a
realidade comum

TAO O CAMINHO

→ **COEN**
- confia no sentido de vida
e na de criação "deste"
- sempre tudo se compõe
nessa jornada
- não desiste de você, e não desiste
dos outros pessoas
- um conceito que não se joga,
secolhe

inter-relação



→ **EMICIDA**
Redei o globo,
hoje são sênto de
que todo mundo
é um
(princípio)

questão de
dualidades
→ "A VIDA É MOVIMENTO"
COEN



dinâmica

mistério

atmosfera - vida - verdade
ALMA
↳ **CHEKHOV**

não podemos ver, apenas
observar seus efeitos

↳ **CHEKHOV**
não conseguimos dizer
de sentir

28 9



Rodei o globo, e
hoje tô certa de que todo
mundo é um

Sem título II

de Kao Maria

Pequeno áudio em que leio um trecho do livro “As Máscaras Mutáveis do Buda Dourado” de Mark Olsen, e junto acrescento alguns sons retirados da internet e outros feitos por mim, ou por pessoas queridas, entre as quais minha mãe Eliete, meus irmãos Rafaela e José, e meus amigos Julia, Lucas, Eduardo e Eloisa. Frases e cores articulando algumas de minhas referências, como falas de Monja Coen, trechos de músicas de Emicida, reflexões partidas do livro “Para o Ator” (Michael Chekov) e do livro “As Máscaras Mutáveis do Buda Dourado” de Mark Olsen. Desenho em aquarela, representando a dança em busca de equilíbrio que fazemos na vida, e um trecho da música “Principia”, de Emicida, escrito sobre a pintura.

Contato: @kao_maria (Instagram)

Imagem 29: Uma pintura em aquarela na qual vemos o mar ao fundo e um pedaço de terra. Na terra, várias pedras estão empilhadas da maior para a menor, formando uma torre sobre a qual se equilibra um grande prato de comida. Notamos a sombra de um casal bailando em cima do prato. Na lateral superior esquerda, escrita a mão, lemos a seguinte frase: “Rodei o globo e hoje tô certa de que todo mundo é um”. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta “CLIQUE E OUÇA” com o link para ouvir o trabalho completo.

Imagem 30: No centro de um papel, com uma tinteira aquarelada e amarela ao fundo, destaca-se a palavra TAO em caixa alta, logo abaixo dela, em letra cursiva, lemos: “o caminho”. A palavra e a frase estão grafadas em preto. Na lateral superior direita, o desenho do símbolo Yin-Yang: um círculo com outros dois pequenos dentro dele, estes últimos estão dispostos um em frente ao outro de forma simétrica. Parte desse círculo está pintada de aquarela preta. Na lateral inferior esquerda, o desenho de uma gangorra destaca por duas pinturas em aquarela, de um lado vermelho de outro azul. O texto do trabalho está disposto nas laterais do papel e conectado por setas vermelhas. Algumas palavras escritas em vermelho: Emicida, Coen, Atmosfera, Chekov. As demais estão em preto. Na lateral inferior direita vemos a data 28.09.

Imagem 31: Dois recortes da primeira pintura: à esquerda, em destaque e ampliada, a imagem do casal dançando na torre de pedras e em cima do prato; à direita, em destaque e ampliada, a frase “Rodei o globo e hoje tô certa de que todo mundo é um”.

CADERNOS DE POÉTICAS



CLIQUE E OUÇA



Afluente

de Natali Manfrin

"imagine uma árvore muito grande..."

*Para a composição visual foram utilizadas diversas imagens coletadas da internet

Contato: @nat.manfrin (instagram)

Imagem 32: Uma colagem de diversas fotos e desenhos: mulheres nuas dançando em roda; três pessoas dançando numa praia, vestidas iguais e repetindo o mesmo movimento; uma flor, uma árvore, um casal nu abraçado, uma mulher com um vestido esvoaçante, uma fogueira, ondas azuis, o mar batendo nas pedras. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta "CLIQUE E OUÇA" com o link para ouvir o trabalho completo.



CLIQUE E OUÇA



Estrela Sem Nome

*Brilha brilha estrelinha
Me pergunto se a que brilha é a minha
Tenho anseio de não ser escolhida
Tenho medo de ser esquecida*

*Brilha brilha estrelinha
Mas quem brilha já morreu
É passado, não sou eu
Me pergunto se ela já me esqueceu...
Foi mentira, dissolveu*

*Brilha brilha estrelinha...
"Acende a chama da tua vida!"
Nossa, fiquei até comovida
Vai dizer agora que me falta alegria, simpatia, energia...
Me falta mesmo é ser promovida!*



A Partir do poema “Estrela Sem Nome” e do acolhimento de impressões e sensações que surgiram dele, compusemos um vídeo onde exploramos a palavra como imagem e sua relação com outros elementos. O registro do trabalho completo pode ser visto no link: <https://youtu.be/uUstFMVQZ60>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - CAMPUS DE CURITIBA II - FAP

ESTRELA SEM NOME

Professora Milena Flick - Poéticas da Palavra

Alessandro Balbi Uchoa Junior, Diego Monutti de Souza e Rafaella Santos da Costa



ESTRELA SEM NOME

de Alessandro Balbi, Diego Monutti e Rafaella Costa

Breve poema sobre estrelas e medos. Um jogo de palavras com a famosa canção "brilha brilha estrelinha" junto a devaneios do grupo.

*Imagem da composição encontrada no Pinterest

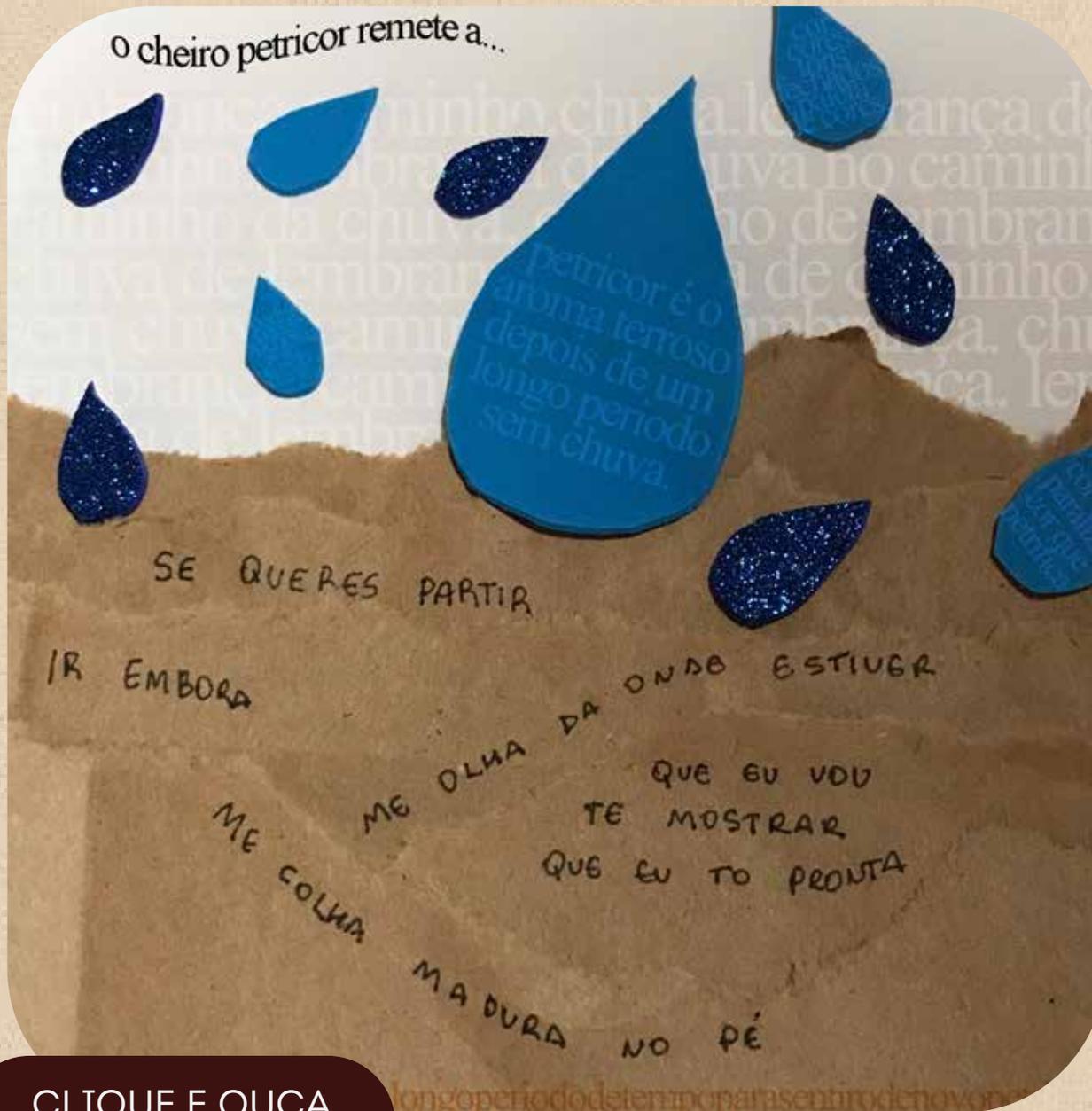
Contatos: @alessandrobaldi, @rafacostaxx, @diegomonutti
(instagram)

Imagem 33: Ao fundo, uma imagem escura e colorida do espaço sideral (tons de azul -marinho, lilás, violeta, amarelo e laranja). No centro, a imagem de uma pessoa de costas, sentada num balanço, num lugar de fundo azul da cor do mar: algumas estrelas estão penduradas nesse lugar por linhas bem fininhas que caem do alto, vemos também bolhas flutuando no ar e algas amarelas no canto inferior do quadro. A pessoa tem cabelos longos e pretos, e está vestida com uma espécie de túnica cor de creme, com um pequeno cinto. Ela segura as cordas do balanço e cruza seus pés. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta "CLIQUE E OUÇA" com o link para ouvir o trabalho completo.

Imagem 34: O texto do trabalho está escrito numa letra cursiva de cor amarela, sobreposto num fundo preto estrelado. Na lateral superior esquerda, palavras de uma página de revista num fundo branco, como se aparecesse através de uma folha rasgada, junto a um planeta e a uma estrela brilhante. Na lateral inferior direita, também encontramos a mesma textura de folha rasgada, mas ali se encontra o planeta Saturno acompanhado de três estrelas brilhantes.

Imagem 35: O espaço estrelado e um planeta metade azul, metade vermelho ao fundo. A imagem da capa de um vídeo no youtube com a mesma imagem da pessoa no balanço. Em volta da imagem, as seguintes frases: "É passado não sou eu me pergunto se ela já me esqueceu foi mentira dissolveu mas quem brilha já morreu" (em caixa alta na cor amarela).

Imagem 36: Uma imagem que mistura referências do fundo do mar e do espaço sideral: no centro da água, que é o chão da imagem, brota uma planta com uma estrela na ponta. Dois peixinhos de cores amarela e laranja, voam/nadam ao lado dessa planta-estrela. Grandes bolhas flutuam. Das duas laterais, brotam algas verdes. Ao fundo, um céu negro estrelado.



PETRICOR

de Eduardo Delfino

“Petricor” é derivado de pensamentos e sentimentos que inundam como a chuva, um misto de desejo e esperança que, entrelaçados, compõem o objetivo principal: sentir.

*Ref.: música “Dona Cila” de Maria Gadú

Contato:

@dudelfino (instagram)

Imagem 37: No canto superior esquerdo, lemos: “o cheiro petricor remete a...”. Gotas azuis (algumas com gliter azul-marinho) de diferentes tamanhos, estão caindo do topo da página. O fundo é composto por duas texturas: uma clara, no alto da página, por onde caem as gotas, outra composta por várias camadas de papel marrom rasgado nas pontas, num movimento de ondas. Seguindo o movimento das bordas rasgadas, lemos trechos da música Dona Cila de Maria Gadú: “Se queres partir/ ir embora/ me olha da onde estiver/ que eu vou te mostrar que eu tô pronta/ me colha madura do pé”. O texto do trabalho aparece projetado ao fundo, bem clarinho, e dentro da maior gota azul da composição. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta “CLIQUE E OUÇA” com o link para ouvir o trabalho completo.

CLIQUE E OUÇA





Fábula: A causa da chuva

NÃO CHOVIA HÁ MUITOS E MUITOS MESES, DE MODO QUE OS ANIMAIS FICARAM INQUIETOS. UNS DIZIAM QUE IA CHOVER LOGO. OUTROS DIZIAM QUE AINDA IA DEMORAR. MAS NÃO CHEGAVAM A UMA CONCLUSÃO

– CHOVE SÓ QUANDO A ÁGUA CAI DO TETO DO MEU GALINHEIRO, ESCLARECEU A GALINHA.

– ORA, QUE BOBAGEM! DISSE O SAPO DE DENTRO DA LAGOA. CHOVE QUANDO A ÁGUA DA LAGOA COMEÇA A BORBULHAR SUAS GOTINHAS.

– COMO ASSIM? DISSE A LEBRE. ESTÁ VISTO QUE CHOVE QUANDO AS FOLHAS DAS ÁRVORES COMEÇAM A DEIXAR CAIR AS GOTAS D'ÁGUA QUE TEM DENTRO.

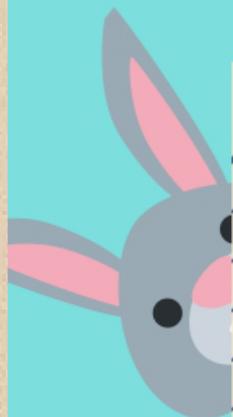
NESSE MOMENTO COMEÇOU A CHOVER.

- VIRAM? GRITOU A GALINHA. O TETO DO MEU GALINHEIRO ESTÁ PINGANDO. ISSO É CHUVA!

– ORA, NÃO VÊ QUE A CHUVA É A ÁGUA DA LAGOA BORBULHANDO? DISSE O SAPO.

– MAS, COMO ASSIM? TORNAVA A LEBRE. PARECEM CEGOS? NÃO VÊEM QUE A ÁGUA CAI DAS FOLHAS DAS ÁRVORES?

(Millôr Fernandes. *Fábulas fabulosas*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1991.)





c

huvá

traíçoeira

molha mãe, pai

a família inteira e eu

da coberta
debaixo

escondida igual

topeira



CLIQUE E OUÇA



CHUVA

de André Francisconi, Lucas Scremin e Nádia Georgia

A música é o resultado da experimentação de um pequeno poema (também de nossa autoria) feito em conjunto para um exercício da disciplina "Poéticas da Palavra", orientado pela Prof^a Milena Flick. Em determinada etapa do processo letivo, a turma foi desafiada a materializar/registrar a experiência dos exercícios realizados até então, para a partilha coletiva. Com isso, o resultado foi a composição da música "Chuva".

Contatos: @gusteps @lucas_scremin @georgiasantana (instagram)

Imagem 37: No canto superior esquerdo, vemos: "o cheiro petricor remete a...". Gotas azuis (algumas com gliter azul-marinho) de diferentes tamanhos, estão caindo do topo da página. O fundo é a Imagem 38: Um bloco de páginas de caderno pautado sobreposto num azul clarinho e alegre. No topo da imagem caem duas gotas: uma azul e outra branca de contorno preto. Do lado esquerdo do bloco, vemos o rosto e orelhas de um coelho escondido por trás do bloco. No canto inferior direito, um sapo sorridente e no canto inferior esquerdo, uma pena marrom pousada sobre a ponta do bloco de papéis. Na primeira folha pautada do bloco, em letra cursiva e em cor preta, está escrita a Fábula: A Causa da Chuva, de Millôr Fernandes. Texto completo a seguir:

"Não chovia há muitos e muitos meses, de modo que os animais ficaram inquietos. Uns diziam que ia chover logo, outros diziam que ainda ia demorar. Mas não chegavam a uma conclusão.

- Chove só quando a água cai do teto do meu galinheiro, esclareceu a galinha.

- Ora, que bobagem! -disse o sapo de dentro da lagoa. Chove quando a água da lagoa começa a borbulhar suas gotinhas.

- Como assim? -disse a lebre. Está visto que chove quando as folhas das árvores começam a deixar cair as gotas d'água que tem dentro.

Nesse momento começou a chover.

- Viram? -gritou a galinha. O teto do meu galinheiro está pingando. Isso é chuva!

- Ora, não vê que a chuva é a água da lagoa borbulhando? -disse o sapo.

- Mas, como assim? tornava a lebre. Parecem cegos? Não veem que a água cai das folhas das árvores?"

mposto por duas texturas: uma clara, no alto da página, por onde caem as gotas, outra composta por várias camadas de papel marrom rasgado nas pontas, num movimento de ondas. Seguindo o movimento das bordas rasgadas, vemos trechos da música Dona Cila de Maria Gadu: "Se queres partir/ ir embora/ me olha da onde estiver/ que eu vou te mostrar que eu tô pronta/ me colha madura do pé". O texto do trabalho aparece projetado ao fundo, bem clarinho, e dentro da maior gota azul da composição. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta "CLIQUE E OUÇA" com o link para ouvir o trabalho completo.

Imagem 39: Em destaque no topo da página, a palavra CHUVA. Na parte de baixo, um quadro de fundo azul. As mesmas gotas da imagem anterior no topo. O texto da composição musical aparece escrito em letras pretas e caindo como chuva na página. Vemos notas musicais grandes e brancas nos dois cantos da página, e na lateral inferior, barras de compassos, em diversos tamanhos, na cor rosa. No canto inferior esquerdo, encontra-se a indicação de texto em caixa alta "CLIQUE E OUÇA" com o link para ouvir o trabalho completo.

Imagem 40: Parte da composição é escrita com letras pretas, num fundo azul claro, em formato de espirais.

Imagem 41: Imagem formada por dois planos verticais unidos: de um lado, um fundo liso azul claro, do outro, uma janela embaçada com gotas de chuva escorrendo pelo vidro. Sobreposto ao fundo duplo, um quadro como se colado numa parede com adesivo preto. Dentro dele, uma gota grande formada por palavras da composição. Algumas delas se destacam com formatações e cores diferentes (azul, vermelho, verde, amarelo, preto etc), a exemplo das palavras "chuva", "traíçoira", "mãe", "pai", "molha", "vento" e "água".